



SAUDADE

Raio

Se o trovão se configura como a voz de irada de Deus, o raio ou fâisca é uma extensão da sua mão castigadora.

Sendo assim, as trovoadas são encaradas como manifestações sobrenaturais, enquanto o tempo durante o qual decorrem é considerado um tempo sagrado, sujeito, portanto, a interditos e carecendo de fórmulas de protecção adequadas.

Estas consistem, regra geral, em invocar *Santa Bárbara ou *São Jerónimo e em rezar as orações prescritas.

São, igualmente, usados profiláticos e amuletos: ramos de *alecrim ou *rosmaninho ou pedras de raio, justamente tidas pela cristalização das fâiscas que penetram no solo.

Os monges do convento de Nossa Senhora da Pena (Sintra), receavam muito os raios.

Certo sacerdote romano que visitou o mosteiro deixou por lá memória da seguinte oração “a que ele atribuía grandes virtudes”:

*Christus Rex venit in pace
Et Deus homo factus est
Verbum caro factum est
Christus de Virgine natus est,
Christus per medium illorum ibat in pace,
Christus crucifixus est.
Christus mortus est
Christus sepultus est
Christus resurrexit
Christus ascendit
Christus imperat
Christus regnat
Christus ab omni fulgure nos defendat
Verbum caro factum est
Christus nobiscum est.*

Concluída esta oração preconizavam-se um *Padre-Nosso* e uma *Avé Maria*.



SAUDADE

Diz o *Agiológio Lusitano* (v. 2, p. 479) que D. João IV mandou copiar e esculpir essas linhas, colocando-as "nas águas-furtadas da nova abóbada de seus Reais paços [da Ribeira?]".

**Pedra de raio.*

Bibliografia

BELLA, Dr. João António dalla, *Noticias Historicas e Praticas acerca do modo de defender os edificios dos estragos dos Raios*, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1773; LUSITANO, Cândido (pseudónimo do padre Francisco José Freire), *Santos Patronos, contra as tempestades de raios, invocados e devotos Hymnos*, Lisboa, Régia Oficina Silviana e da Academia Real, 1767 (ilustrado com gravura representando santa Bárbara); VELHO, D. Joaquim da Assunção, *Observações Físicas por ocasião de seis raios, que em diferentes annos, cahirão sobre o Real Edificio junto á Villa de Mafra*, in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. 1, Lisboa, 1797, p. 286-304

MJG